

# PEDRO II

QUE o caso foi de amor não há dúvida nenhuma; indiferente à Imperatriz, Pedro II poderá ter tido algumas outras aventuras, mas o amor de sua vida é mesmo a Condessa de Barral. Através de longos anos, nessa correspondência que os descendentes da Condessa entregaram há alguns anos ao Museu Imperial, e que Magalhães Júnior publicou e estudou, Pedro II abre seu coração, conta coisas de política, de guerra, fala das filhas, dos netos, de suas brotoejas e principalmente de sua saudade. É, como êle mesmo diz, o "amigo insaciável"; o tempo só faz aumentar êsse amor, e é com mais de 70 anos que ela recebe dêle as palavras de maior carinho. A palavra usada nunca é "amor", é sempre "amizade"; os encontros que êle relembra não são encontros, são "conversinhas". Em Petrópolis, "nossa Petrópolis", na Suíça, em Lisboa, mas principalmente em Atenas; houve um mês em Atenas, lá pelo ano 76 (a Condessa já tinha 50 anos) que foi o mês da própria felicidade.

O importante dessa correspondência é que ela é o melhor retrato humano de Pedro II, é o homem na sua intimidade, mostrando o que é e como vive. Aqui se vê como êle levava a sério seu ofício de Imperador; era, positivamente, o burocrata número 1 de seu reino. Se tem tempo para se divertir é porque seu tempo rende fabulosamente; quase todo dia, além de despachar seu expediente e dar audiências, êle vai assistir a uma conferência, aula ou demonstração científica e depois ao teatro; é mesmo um grande maníaco de teatro e música, assiste à mesma ópera dias seguidos. Mas seu grande vício é ler e estudar, e êsse vício êle procura transmitir a todo mun-

do. assiste aos concursos, examina, fica triste quando acha os rapazes ignorantes, ou alegre quando encontra um môço de 20 anos de talento, como Frontin. Em viagem — e êle quando não está viajando está sonhando com viagem — quer também conhecer todo mundo, ver tudo, indagar sôbre qualquer novidade de arte ou de mecânica ou de fisiologia; é um diletante insaciável, um curioso universal. Mediocre, sem nenhum grande vôo de espírito, e forçosamente superficial, êle faz um esforço constante para se aproximar dos homens de gênio ou de talento, para aprender coisas úteis ou inúteis; em certas épocas lê "nunca menos de 10 horas por dia".

Sua paixão pela Condessa é sobretudo espiritual, mas de vez em quando êle deixa escapar saudades tão agudas de certos momentos que não restam dúvidas sôbre a natureza de suas relações com a fidalga baiana. Há referências repetidas, por exemplo, a Humaitá, provavelmente a passagem de Humaitá, talvez um aniversário desse feito guerreiro — "Que calor faz hoje!" — escreve êle já em 1880 — "Mas quem me dera o suor de Humaitá!"

Também diz com freqüência que "as saudades são mato", sonha com a Condessa, sonha que estão brigando e ficando de bem, sonha de verdade e principalmente "s o n h a acordado". Muito freqüentemente êle é piegas, quase sempre banal, às vezes ridículo — quem não o é, às vezes, em cartas de amor? Mas há momentos de um carinho grave, sério, com o selo respeitável das grandes dedicações. E isto faz comovente aos nossos olhos a figura de Pedro de Alcântara.